

Identidade: um desafio à Universidade Católica

Ernandes Reis Marinho*

Adriano Vieira**

Colocando a questão

Todos os seres são mutáveis. Muda-se de tamanho, quando se deixa de ser criança e passa-se a adolescente, jovem, adulto ou mesmo quando se engorda ou emagrece; muda-se o visual, quando se corta ou se pinta os cabelos; muda-se os pensamentos, as atitudes etc. Entretanto, há algo nos seres que não muda e que precisa permanecer. Talvez por isso muda-se tanto, para que algo permaneça. Aquilo que permanece é o que, em última análise, nos identifica, diz quem somos. A isto pode-se chamar *Identidade*. O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa define *identidade* da seguinte forma:

"estado do que não muda, do que fica sempre igual; consciência da persistência da própria personalidade; o que faz que uma coisa seja a mesma (ou da mesma natureza) que outra; conjunto de características e circunstâncias que distinguem uma pessoa ou uma coisa e graças às quais é possível individualizá-la".

A *identidade* é tema antigo da reflexão humana. Antigo, mas sempre impondo revisão, re-surgimento como conceito, ou mais do que isso, como necessidade. Por que a *identidade* é uma necessidade? A palavra "necessidade" quer dizer "aquilo que não dá para ceder" – nec + ceder. Já Aristóteles, ao discutir acerca das essências e substâncias e aquilo que dá unidade a elas, falava de *identidade*. De modo geral, a compreensão aristotélica, trata daquilo que se diz de algo, que faz com que este "algo" seja aquilo que é e não outra coisa. Dizer de algo, afirmando aquilo que ele é, identificando-o, portanto, constitui-se em necessidade. Ou seja, sem identidade não existe um ser.

Ou ainda, aquilo que é não pode deixar de ser. Do contrário, passa a não ser.¹

Sendo a identidade atributo de todos os seres, as instituições, seres socialmente constituídos e legitimados, também constituem-se em identidades. A universidade, como um ser institucional, torna-se identificável. Propõe-se, pois, esta discussão partindo da Universidade Católica de Brasília² - vive-se como docentes, intelectuais e colaboradores. O fato de ser *católica* já é um elemento identitário. Pretende-se pôr em discussão o tema da identidade da Universidade Católica e seu compromisso com o carisma educativo que está imbricada na formação embrionária desta Instituição. Ao se discutir acerca da *identidade* da UCB, tem-se a consciência da limitação deste texto, diante de tamanha complexidade do tema. Por isso, cabe aqui apresentar alguns aspectos da raiz evangélica que embasa a

* Doutor em filosofia pela Université de Paris I - Pantheon Sorbonne. Mestre em educação pela UCB (Universidade Católica de Brasília.). Pós-graduação em Administração Escolar, pela UCB. Professor da UCB, membro do colegiado do Projeto Identidade.

** Bacharel e Licenciado em Filosofia; Mestre em Educação; Professor da UCB; Gestor do Projeto Identidade.

¹ Reflexões sistematizadas a partir dos rascunhos de Olavo de Carvalho (cf, Referências Bibliográficas).

² Passaremos a usar a sigla UCB para designar a Universidade Católica de Brasília.

fundação desta Instituição, seu compromisso com o conhecimento pela via da construção do que se entende por *comunidade educativa*.

O desafio evangélico

“ide por todo mundo, proclamai o evangelho a toda criatura” (Mc. 16, 15)

A missão das Universidades Católicas é evangelizar, conforme afirma o Papa João Paulo II - elas nascem *“do coração da Igreja”*³. A Igreja é essencialmente missionária, o que significa evangelizadora e, sendo as universidades católicas geradas no seio da igreja, por natureza, elas são também essencialmente missionárias, isto é, evangelizadoras. Logo, quando pensamos no tripé que caracteriza as universidades: ensino, pesquisa e extensão, precisamos pressupor que, nas universidades católicas, tal tripé é alicerçado por uma peculiaridade ou, para sermos mais profundos, de um carisma⁴, que busca seu significado em um carisma maior. Eis a razão pela qual o ensino, a pesquisa e a extensão das universidades católicas, que são seus instrumentos de evangelização, precisam ser essencialmente comprometidos com a construção dos processos de aprendizagem na cultura onde está inserida e na história de tal modo que, inspirados pelo Evangelho, promovam a efetividade do carisma.

A UCB vem realizando, já há algum tempo, um processo de construção, apropriação e aprofundamento de sua identidade pela comunidade acadêmica. O Projeto Identidade se coloca como instrumento motivador deste processo. Para isso, entretanto, é preciso promover o conhecimento das fontes de inspiração do carisma da UCB e focar a peculiaridade da sua missão. O objetivo deste artigo é mostrar que as universidades católicas, de modo

geral, e de modo particular a UCB, são exortadas a fazer a diferença na missão de educar, ultrapassando uma noção comum de competência profissional para exercer uma “competência evangélica”. Isso será visto por meio dos fundamentos do carisma da UCB.

O primeiro referencial a ser focado é o convite de Jesus. Dizer que se tem na passagem de Mc. 16, 15 o começo de tudo, não acrescenta muita coisa ao que já se conhece do compromisso que cada discípulo tem diante da fidelidade ao mestre, mas, muito além dessa afirmação, encontra-se a interpretação da proposta missionária de Jesus. A pergunta que cabe aqui é: na prática, ou se preferir, no cotidiano, o que significa pregar o evangelho? Por mais de vinte séculos, teólogos, filósofos e a piedade popular, movidos pelo senso comum, tentam responder tal interrogação dando-se conta de que, quanto mais elementos se acrescenta mais se percebe que a riqueza desse convite é inesgotável. Pode-se exemplificar essa afirmação com os próprios gestos de Jesus, ou seja, imagine que os discípulos tenham perguntado ao Senhor: “Mestre o que significa pregar o evangelho?” Certamente que a resposta de Jesus seria: “os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos foram purificados, os famintos foram saciados, os doentes foram curados, os pecadores foram perdoados, os surdos ouvem, mortos ressuscitam e aos pobres foi anunciado uma palavra de esperança, de paz e de conforto.” Evidente que todos entendem que a intenção é afirmar, parafraseando Jesus, que pregar o evangelho significa, atender as necessidades do cotidiano de todos aquelas e aqueles que cruzam conosco, repartindo o que temos. Na verdade os discípulos não demoraram muito a perceber tal dimensão; exemplo disso é o de

³ João Paulo II, “Constituição Apostólica sobre as Universidades Católicas”, p.04.

⁴ (o conceito teológico de carisma, sobretudo na perspectiva paulina)

Pedro quando entrava no templo, alguém lhe pede uma esmola e ele responde: “*Nem ouro nem prata possuo. O que tenho, porém, isto te dou: em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, põe-te a caminhar!*”⁵ - o aleijado não somente passou a caminhar, mas também, saltando e dançando, louvava a Deus pela sua recuperação. Tem-se nessa passagem a perfeita pregação do evangelho, isto é, diante das necessidades dos homens e das mulheres, respondi com o amor de Jesus, pois certamente que ele ganhará

forças para caminhar com suas próprias pernas e terá sua esperança renovada.

A metáfora de pôr-se a caminho é riquíssima. A ação amorosa, a serviço de um processo de aprendizagem que resgate a pessoa, produzindo o conhecimento como *solidariedade*⁶, constrói sujeitos autônomos, capazes de caminharem por si sós, constrói intersubjetividades, constrói alternativas aos problemas que a existência e suas interfaces vão apresentando. Por isso, aquilo que, sob o enfo-



⁵ Atos dos apóstolos 3, 6.

⁶ A idéia de conhecimento como *solidariedade* é desenvolvido por Boaventura de Sousa Santos em “Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência”. São Paulo: Cortez, 2000.

que religioso, chama-se de carisma insere-se nas buscas mais humanas de dignidade, solidariedade e humanização. Aqueles que, do ponto de vista religioso, são considerados *santos*, o são pela profunda inserção nestas questões. Daí que, o Evangelho, para além de seu caráter religioso, constitui-se em um tratado antropológico, onde o amor ao ser humano é eixo e referência.

Foi com o intuito de responder ao convite amoroso de Jesus que a Igreja, ao longo de sua história, apresentou alternativas criativas para que o ser humano se pusesse a caminho. Fez isso com especial dedicação aos processos de aprendizagem, conduzidos por uma educação que considerasse o ser humano em sua inteireza.

O **segundo enfoque** que se busca são as orientações do Papa João Paulo II sobre as Universidades Católicas. Para inflamar o ardor com que a universidade deve desenvolver sua missão evangelizadora, o Papa mostra a responsabilidade que ela tem frente à Igreja e à sociedade, dizendo isso da seguinte forma:

*"Pela sua vocação a Universitas magistrorum et scholarium consagra-se à investigação, ao ensino e à formação dos estudantes, livremente reunidos com os seus mestres no mesmo amor do saber".*⁷

O termo *vocação* conduz à profundidade da reflexão que o Papa deseja fazer. Etimologicamente, a palavra vem do latim *vocation*, que significa chamar ou convidar; também por extensão, pode significar *tendência* e *aptidão*. Considerando que o Papa usou a palavra apoiando-se na força que tem o significado de sua raiz, pode-se crer que, a palavra *vocação* não tem aqui dimensão de espacialidade mas, bem pontual, imprime caráter, isto é, capacita o chamado a fazer algo em nome de alguém, neste

caso, é Jesus quem chama a evangelizar. Logo, a ação de pesquisa, ensino e extensão, expressa no texto, é a maneira como a universidade realiza sua missão evangelizadora, uma vez que ela tem aptidão para continuar a obra de Jesus Cristo.

Como se disse acima, a história vai criando as necessidades para os indivíduos e a universidade, inserida nesse contexto e compartilhando a vida da sociedade, pode e deve buscar respostas para as históricas interrogações impostas a todos. O Papa assim o diz:

*"Ela compartilha com todas as outras Universidades aquele gaudium de veritate, tão caro a Sto. Agostinho, isto é, a alegria de procurar a verdade, de descobri-la e de comunicá-la em todos os campos do conhecimento."*⁸

O mundo certamente é um fenômeno e, como tal, precisa ser desvelado, pois à proporção que o conhecemos melhor, nossa existência dentro dele se torna mais fácil. Viver não deve ser para nenhum ser humano um tormento; haja vista que, segundo a proposta cristã, não foi para isso que fomos criados. Se a vida deve ser uma expressão da relação que estabelecemos com a divindade, ela não pode ser exposta a riscos e perigos, pois precisamos valorizá-la como dom de Deus. Eis a razão pela qual, conhecer o mundo ou desvendar seus mistérios é também uma forma de evangelização; assim poderemos nos descobrir no plano da razão e melhor desenvolver nossa relação com a divindade que, cremos, nos criou. Por conseguinte, a busca da verdade ou a investigação da dimensão fenomenológica do mundo, para comunicar ao ser humano o contexto que ele vive, não é de modo algum um voltar-se contra Deus - foi Ele quem concedeu ao homem a inteligência - mas a busca da verdade é

⁷ João Paulo II. *Constituição Apostólica sobre as universidades*, p. 03.

⁸ João Paulo II. *Constituição Apostólica sobre as universidades*, p. 03.

uma maneira de provar a grandiosidade do criador de todas essas coisas, inclusive do próprio homem. Aqui cabe bem o pensamento de Anselmo de Aosta: “*Não busco entender para crer, mas creio para entender*”⁹. A busca da verdade não é uma forma de provar a existência ou não da divindade, pois não está em check tal questão, contudo é uma forma de entender melhor o fenômeno do mundo que dá sentido à nossa vida.

Ao contrário do que se imagina, a Universidade Católica não está sufocada dentro de uma camisa de força, mas ela *compartilha* do mesmo ardor de busca da verdade que inflama todas as outras Universidades. Considerando, no entanto, que sua visão de mundo não é somente horizontal, mas também vertical, ela assume uma particular missão, a qual o Papa desse modo a descreve;

“A sua tarefa privilegiada é «unificar existencialmente no trabalho intelectual duas ordens de realidade que muito frequentemente se tende a opor como se fossem antitéticas: a investigação da verdade e a certeza de conhecer já a fonte da verdade»¹⁰.”

Como todas as outras Universidades, a Universidade Católica orienta sua existência pelo tripé ensino, pesquisa e extensão; entretanto fará a diferença, como Católica, na medida em que observar a particularidade de sua missão evangelizadora; dessa forma, ela não é impedida de investigar. Sua investigação deve ter um compromisso essencial não com o conhecimento pelo conhecimento, mas

este como fonte de luz para compreender mais o fenômeno humano e ajudar os homens a viver melhor sua existência.

Toda pesquisa e experimentação¹¹ são importantes e fundamentais, mas deve-se ver a ciência sempre como serva do homem¹² e não ao contrário, pois em sua dignidade o homem precisa ser respeitado e não pode ser exposto à experiências muitas vezes duvidosas. Assim, a investigação sobre a clonagem, células tronco, estado vegetativo, começo da vida humana, relações sociais, dimensões psicológicas do indivíduo, dentre outros, tem o apoio da Igreja; contanto que tais pesquisas não tenham em si mesmas seu fim último; mas que a sua finalidade seja a evangelização, isto é, mostrar ao homem onde se encontram os perigos para sua existência e onde se encontram os caminhos para a sua realização. Fica claro que o ser humano não pode ser apanhado como rato de laboratório e que os outros animais não devem ser apanhados, como cobaias, de forma perversa.

Não se pretende dizer que o trabalho realizado pela comunidade acadêmica, levará a Igreja a mudar de opinião quanto à situação A ou B, pois isso não faz parte da essencialidade do identitário da Universidade Católica, entretanto, pretende-se afirmar que esta tem a missão de **AJUDAR** a Igreja a realizar a sua missão evangelizadora. Porque a Igreja aceita hoje o heliocentrismo, a doação de órgãos, não considera mais o louco como um possuído do demônio, aceita a teoria da evolução, segundo os

⁹ Anselmo de Aosta. Proslogion.

¹⁰ João Paulo II. *Constituição Apostólica sobre as universidades*, p. 03.

¹¹ Queremos tomar aqui as palavras pesquisa e experimentação no sentido que é apresentados dentro da *Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação* da Congregação para a doutrina da fé. 1) “Por **pesquisa** entende-se qualquer procedimento indutivo-dedutivo, que visa promover a observação sistemática de um dado fenômeno em campo humano ou verificar uma hipótese de precedentes observações.” 2) “Por **experimentação** entende-se toda pesquisa na qual o ser humano (nos diversos estágios de sua existência: embrião, feto, criança ou adulto) representa o objeto mediante o qual ou no qual pretende-se verificar o efeito, por enquanto desconhecido ou ainda não de todo conhecido, de um determinado tratamento (por exemplo, farmacológico, teratogênico, cirúrgico etc.), p. 25.

¹² Congregação para a doutrina da fé: *Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação*, p. 11.

princípios de Telhard de Chardin, dentre outros e, continua rejeitando o aborto, a eutanásia, a pena de morte, dentre outros, certamente que o trabalho dos cientistas, embalados pela fé cristã, ajudou na mudança de opinião, em certos pontos, e no fortalecimento de sua posição, em outros. Não foi se afastando da busca da verdade, se escondendo atrás de uma armadura ou aderindo somente à fé e desprezando a razão, que a Universidade Católica contribuiu para a missão evangelizadora da Igreja. Pelo contrário, foi reconhecendo, como diz Santo Tomás de Aquino - que a fé e a razão são dois caminhos diferentes de busca da verdade, que não se opõem, mas se completam - que a Universidade Católica pode ajudar a Igreja a responder, à luz da fé, as interrogações que a história vai apresentando ao homem. Assim, convém lembrar que a Igreja não é contra a ciência, mas os erros que a ciência pode cometer comprometendo a vida do homem. Aceita-se que no excesso de zelo pela vida humana, a Igreja pode até errar contra a ciência, conforme ocorreu quando o Papa João Paulo II pediu desculpas aos cientistas, pela posição que ela assumiu em determinados momentos. Contudo, a posição de retaguarda assumida pela Igreja, em muitos momentos, não significa oposição à ciência pois esta existe porque o homem recebeu de Deus a inteligência para produzir o conhecimento científico.

Eis a razão pela qual na identidade da Universidade Católica precisa conter quatro tópicos indispensáveis para que sua pesquisa, ensino e extensão façam a diferença:

1. uma inspiração cristã não só dos indivíduos, mas também da Comunidade universitária como tal;
2. uma reflexão incessante, à luz da fé católica, sobre o tesouro crescente do conhecimento humano, ao qual procura dar um contributo mediante as

próprias investigações;

3. a fidelidade à mensagem cristã tal como é apresentada pela Igreja; e
4. o empenho institucional ao serviço do povo de Deus e da família humana no seu itinerário rumo àquele objetivo transcendente que dá significado à vida.¹³

A posição que o Papa toma é bem objetiva, pois mesmo considerando a flexibilidade que às vezes damos às palavras, no contexto de cada característica, percebemos a pontualidade das afirmações feitas por ele. Dentro da primeira característica, vemos como a dimensão cristã deve perpassar a “*Comunidade universitária*”; isto representa a direção da instituição, o pessoal administrativo, os corpos docente e discente. Convém lembrar que uma comunidade acadêmica não significa um aglomerado, mas a soma dos indivíduos de uma instituição, o que representa a responsabilidade de cada um dentro do processo do fazer acontecer, ou seja, a instituição prestar um serviço de qualidade à sociedade, sem perder sua fonte de inspiração cristã. Considerando isso, precisamos destacar duas questões:

1) a comunidade acadêmica não é fechada a nenhum profissional de outro credo (religião), no entanto, dentro da instituição a ação profissional de todos deve ter a orientação cristã, significando um esforço redobrado dos profissionais que não professam a fé cristã;

2) a instituição é uma empresa, com todas as dimensões das demais, porém ela precisa agir como tal e ao mesmo tempo viver a inspiração cristã sem, contudo, buscar um duplo papel; ora agir como uma empresa normal, ora agir como uma comunidade cristã. O seu agir deve ser sempre sério e fundamentado nos princípios cristãos, onde a comunidade

¹³ João Paulo II. *Constituição Apostólica sobre as universidades*, p. 13.

acadêmica tenha uma vigilante atenção, uma vez que a inspiração cristã deve ser transparente.

A segunda característica porta sobre os frutos que a universidade deve produzir. O conhecimento é dinâmico e, como já se disse, a história lança constantemente desafios aos indivíduos, por isso o papel da universidade é o de expandir e atualizar o conhecimento. Partindo do princípio que a comunidade acadêmica tem uma inspiração cristã, a pesquisa realizada pela universidade deve contribuir para o papel que a Igreja desempenha dentro da sociedade. Entenda-se bem aqui as palavras do Papa, terceira característica - a fidelidade à mensagem cristã é um fator indispensável.

A quarta característica mostra a consciência que o Papa tinha do caminho que a universidade deve percorrer. A Igreja se apresenta como peregrina, é aquela que conduz os homens à sua plenitude e por meio de seus ensinamentos lhes apresenta respostas às suas interrogações, motivando-os a viver sua existência presente, na perspectiva da sua plena realização ao lado daquele que é a fonte de toda existência. A Universidade Católica não é uma simples extensão da Igreja; é a própria Igreja em ação. Assim, no seu agir frente à sociedade, ela precisa ter consciência da sua dimensão de peregrina, prestando, pois, o verdadeiro serviço que o povo de Deus dela espera.

O terceiro enfoque que se busca é o carisma dos fundadores das cinco congregações que fundaram a UCB. Sabe-se bem a importância que tem um carisma para um grupo ou uma instituição, logo, a pergunta que primeiro se apresenta é: qual a relação existente entre os carismas dos fundadores da UCB? Depois de ter comentado a missão da Igreja dentro da história da humanidade, não é muito difícil descobrir a primeira relação que existe entre os caris-

mas das cinco congregações. Primeiro, todas elas lutam ao lado da Igreja, para atualizar a mensagem cristã e transmiti-la aos homens, contribuindo assim, com a vida peregrina da Igreja. Tais congregações realizam isso porque seus fundadores foram capazes de entender o que significa evangelizar - eis a razão pela qual eles se tornaram santos. Tal como as universidades, as congregações também nasceram do “*coração da Igreja*” e são a presença viva desta, no seio da sociedade. Em segundo, percebe-se como elo, o desafio de educar, o qual é marcante na vida dos fundadores tanto pelo contexto histórico em que viveram como pela proposta de relação humana que eles apresentaram.

João Batista de La Salle, (1651- 1719), percebeu em sua época a necessidade de uma educação que considere o ser humano. Num contexto histórico marcado por grandes transformações religiosas, sociais, científicas e culturais, segundo Edgard Hengemüle (fsc), La Salle teve duas fortes motivações: a primeira foi quando ele percebeu a situação de abandono dos filhos dos pobres artesãos. Era preciso dar uma resposta àquela situação, pois as ‘funestas consequências’ certamente marcariam aquelas crianças para o resto de suas vidas. A segunda motivação foi o desejo de ver realizado a vontade de Deus: “*que em sua bondade quer que todos os homens conheçam a verdade e alcancem a salvação*”¹⁴.

A ação missionária de La Salle se realiza como uma resposta à necessidade histórica do homem, a qual acontece por motivação da proposta do evangelho. Renunciando aos bens familiares, para melhor se dedicar à missão de educar, La Salle e seus companheiros mostravam ao mundo mais uma face da inesgotável riqueza da evangelização. Uma importante característica que se destaca nessa nova

¹⁴ Hengemüle, Edgard, fsc. “Seminário sobre os fundadores das cinco Congregações sócias da mantenedora da UCB,” p. 15.

ação evangelizadora é que, para os Lassalistas, a educação é um processo de formação que “*considera a pessoa em si mesma e em seus relacionamentos*” (PEL, p.15). Esse princípio talvez pareça banal, no contexto histórico que se vive hoje, mas precisa-se considerar o contexto histórico em que viveu La Salle.

Para La Salle, a finalidade da educação era ensinar ao educando a “*bem viver*”, eis a razão pela qual ele escreve nas “regras comuns” - que as crianças devem ficar aos cuidados dos mestres durante todo o dia, assim não somente os mestres as ensinariam como viver bem, mas também eles

exercitariam a dimensão do “*bem viver*”. Dentro dessa finalidade da educação, em La Salle podemos perceber a grande diferença que faz educar e educar como meio de evangelizar.

Marcelino Champagnat nasceu no meio do tumulto da Revolução Francesa, numa época em que os ideais de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, inseridos essencialmente no projeto de evangelização da Igreja, eram usados para combatê-la. Marcelino mostrou por meio de sua ação evangelizadora como realizar na vida peregrina da Igreja tais idéias. Na apresentação do manual de pedagogia “*Guide dês Ecoles*”, aprovado em 1852 pelos Maristas, o



Luiza Spindola / Nicho de Fotografia UCB

Irmão Francisco Rivet, primeiro sucesso de Champagnat, assim fala do fundador da congregação:

“Durante alguns anos, o nosso bondoso Pai dedicava à nossa formação, ao ensino, os dois meses de férias que nos concedia; dedicava-os a preparar-nos para dar o catecismo e a inculcar-nos os princípios básicos da boa educação. Aqueles que tiveram a dita de ouvi-lo não de lembrar-se de que, neste assunto, era meticuloso e detalhista e deu-nos as lições em todos os ramos da educação da criança. O que não disse ele, por exemplo, a respeito da classe dos menores, que considerava a mais importante, e a respeito dos cuidados que os Irmãos incumbidos de tal classe devem ter para com as criancinhas que, por sua inocência, chamava-as de anjinhos; o que não disse ele sobre os meios a serem usados para dar-lhes a conhecer as primeiras verdades da religião, inspirar-lhes a piedade e a verdade, amenizar-lhes as dificuldades na aprendizagem da leitura? O espírito de Deus, de que estava repleto, e o grande amor pelas crianças revelaram-lhe as necessidades da idade infantil, os meios de satisfazê-los e os segredos para conquistar seus corações, orientá-los para o bem, inspirar-lhes a piedade e formar-lhes as faculdades da alma. É este talento, de que dotado em tão alto grau, embora ignorasse possuí-lo, e este zelo ardente pela santificação dos meninos, de que estava animado e procurava transmitir a seus Irmãos, em suas Instruções diárias”¹⁵

É claro dentro do texto o ardor com que Champagnat se dedicava ao trabalho missionário, logicamente, que tamanho ardor não poderia deixar de gerar bons frutos; algumas características da sua proposta evangelizadora podem revelá-los bem. Por exemplo, para ele a disciplina deveria ser vista como meio e não como fim; a simplicidade deveria ser a referência no trato; o ambiente de família deveria sempre ser buscado; uma presença amiga e constante deveria animar os espíritos; não se deveria

descuidar do trabalho e constância e a educação são uma reciprocidade de afetos.

Quando se classifica o trabalho pedagógico de Champagnat como evangelizador, não se exagera, pois quando ele pensava que “o mestre é o irmão maior”, propunha um despojamento daquele que se julga superior para compreender as limitações dos pequenos; quando propunha “o que o professor faz é pouca coisa: o que ele faz fazer é tudo”, convidava seus irmãos para aprenderem a ensinar o caminho aos educandos. Dessa forma, eles seriam livres, quando dizia “para bem educar as crianças é preciso, antes de tudo amá-las”; certamente que se expressa aqui uma das grandes dimensões do evangelho que é a lei do amor. Enfim, quando ele dizia “a educação da juventude não é uma profissão é um ministério” mostra toda consciência que tinha da profunda responsabilidade do educador frente ao educando. Evidentemente que se pode dizer que tais propostas, em seu conjunto, refletem a dimensão do evangelho.

Gaspar Bertoni, sensibilizado pela realidade de uma região assolada pela guerra (dominação francesa e Austríaca) fundou, em 1816, a congregação dos estigmatinos. Ele acreditava que por meio da educação dos jovens é possível construir um mundo de paz, sabedoria e caridade.

Em um pequeno texto o padre Alberto Francisco Mariani, css, descrevendo a missão apostólica dos estigmatinos, mostra a base de seu projeto pedagógico. Segundo ele, para São Gaspar Bertoni a Escola Católica inexistia, se não houver minimamente em seu projeto educativo a presença de:

- a) “critérios evangélicos, sintetizados nas bem-aventuranças;
- b) critérios do *filial abandono à providência divina*, sintetizados no esvaziamento de si como forma de

¹⁵ In Ir. Gonçalves Xavier, fms, Apostilha, p. 28.

entrega total à tarefa do ensino na gratuidade e na jovialidade;

- c) critérios da **sabedoria da cruz**, configurados nos Sagrados Estigmas de Cristo, como forma de enfrentar o desafio do cotidiano escolar, sabendo 'acolher, confiar, sentir e amar; ouvir, doar-se e sair de si; e
- d) critérios do **amor esponsal**, sintetizados na vida e no testemunho dos Santos Esposos, Maria e José, Patronos da Congregação estigmatina, como forma de vivenciar na Escola a fidelidade ao projeto educativo de Deus e à escuta de Deus na reflexão e na oração; o amor à simplicidade de vida; a prontidão em ampla e generosa disponibilidade.”¹⁶

Mesmo diante da clareza das características apresentadas, crê-se importante destacar que **“filial abandono à providência divina”, “sabedoria da cruz” e “amor esponsal”** são respostas às necessidades históricas dos homens. Prova disso é a canonização de Gaspar Bertoni, significando a realização em sua vida de seus ideais ou pelo menos da tentativa e da sobrevivência da congregação por ele fundada; ideais, que de uma maneira ou de outra, são perseguidos e continuam dando aos homens respostas às suas inquietações.

No começo dessa reflexão, falou-se que uma Instituição de ensino para ser católica precisaria apresentar certas características. São Gaspar Bertoni, para evocar a dimensão apostólica do ensino, a dimensão de serviço e o respeito ao Papa e aos bispos, dizia que, **“sem um mínimo de respeito ao processo gradativo do crescimento humano-espiritual do aluno”; “sem um mínimo de espírito de oblação e de família que propicie comunhão de vida, participação e partilha” e “sem um mínimo**

de harmonia eclesial”¹⁷ inexistia Escola Católica. Mesmo que a afirmação possa parecer repetitiva, tem-se fortemente presente na proposta pedagógica de Gaspar Bertoni, a dimensão missionária da Igreja.

São João Bosco - o século XIX foi marcado por muitas mudanças nos distintos âmbitos da vida humana. Foi com uma consciência histórica das necessidades do momento que Dom Bosco, apóstolo dos jovens, resolveu responder no seu ambiente geográfico, as necessidades de uma educação sólida, que formasse os jovens para serem cidadãos honestos e bons cristãos. Ele criou em 1857, a Congregação dos Padres Salesianos para, mediante a pedagogia da presença, da “amorevoleza” e do sistema preventivo, oferecer educação de qualidade ao mundo que se configurava. Certamente que, contando com um público expressivamente jovem, a universidade é lugar privilegiado para a realização desta missão, hoje.

Para Dom Bosco, **O Sistema Preventivo:**

“é a arte de educar a partir do positivo, propondo o bem em experiências adequadas e envolventes, capazes de atrair pela nobreza e beleza;

“é a arte de fazer crescer os jovens a ‘partir de dentro’, alavancando sua liberdade interior, contrastando os condicionamentos e formalismos exteriores; e

*“é a arte de conquistar o coração dos jovens, para os estimular; com alegria e satisfação para o bem, corrigindo os desvios e preparando os jovens para o futuro, por meio de uma sólida formação do caráter”*¹⁸.

Tomando a palavra arte dentro do sentido positivo, a educação aqui, assume a busca incessante pelo belo; educar é tornar o indivíduo bonito, tirá-lo

¹⁶ Padre Alberto Francisco Mariani, css. Apostilha, p.34.

¹⁷ Padre Alberto Francisco Mariani, css. “Seminário sobre os fundadores das cinco Congregações sócias da mantenedora da UCB”, p.34.

¹⁸ Padre Zandonade, Décio, sdb. “Seminário sobre os fundadores das cinco Congregações sócias da mantenedora da UCB.”, p. 39.

da potencialidade do belo e mostrar-lhe o caminho da construção do belo. Se esta interpretação que se dá é verdadeira, a educação não pode ser vista somente no âmbito da transmissão de conteúdo, mas é preciso buscar uma relação desse conteúdo com a totalidade da pessoa humana, e mais, comprometê-lo com a dignidade do ser humano. Para tanto, é necessário que a educação assuma um caráter vertical e horizontal, pois a beleza do ser humano, não se encontra somente dentro da dimensão horizontal, mas também na dimensão vertical. Ou seja, considerando a dimensão horizontal como aquela que transmite o conteúdo e a dimensão vertical como aquela que se empenha na transmissão dos valores. Deixa-se de lado, pois, a polêmica da possibilidade de se transmitir valores e conteúdos nas duas dimensões.

Como síntese do Sistema Preventivo de Dom Bosco encontra-se o trinômio: **razão, religião e amorevolezza** (amabilidade, bondade) que expressam muito bem tudo o que se disse até aqui, quanto ao compromisso da universidade de ensinar – mas inspirar-se no modelo de Jesus Cristo. Certamente, busca-se defender a tese de que razão e fé não se opõem, mas devem caminhar juntas na busca de explicação dos fenômenos que cercam a existência humana.

Santa Maria Domingas Mazzarello, em 1872, comungando da mesma inspiração de Dom Bosco, fundou o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora. As “Irmãs Salesianas” têm como princípio a educação baseada no amor, conforme a figura do Bom Pastor, prevalecendo o cuidado, a presença e o afeto. Considerando que nesta época a sociedade era fundamentalmente patriarcal, **Maria Domingas Mazzarello** inscreve seu nome na lista das grandes mulheres que por uma causa e consciente da importância da mesma, luta com ardor corajoso, legando à história mais um capítulo sobre aquele ideal que acredita.

Para bem compreender a proposta pedagógica da Ir. Mazzarello, cita-se, segundo a Ir. Débora, alguns princípios educativos de **Santa Maria Domingas Mazzarello**:

- a) *“A solicitação pela formação das educadoras – consciente de que a educação exige competência, desde o início de sua missão, predispõe tempo e modos oportunos para elevar o nível cultural em si e nas suas religiosas (Cronistória II, 53; II-12; Cartas 25,45, 52).”*
- b) *A prioridade da pessoa é um critério educativo de primeira importância. A educação exige intervenções individualizadas, enquanto é um fato exclusivamente pessoal. É adesão interior e livre aos valores.*
- c) *A centralidade dos valores supremos são critérios encontrados na sua concepção de vida e espiritualidade. Mostrar interesse por tudo aquilo que é humano, ajudar a jovem realizar o projeto de Deus sobre ela, atrair os jovens para Deus, em Cristo. Etapas importantes desse itinerário são: a escuta da palavra de Deus, a catequese e/ou ensino religioso, a Eucaristia e os sacramentos, a oração e a fidelidade aos compromissos diários.*
- d) *Os caminhos da **razão** e da **amabilidade** – caminhos metodológicos adotados por D. Bosco e Maria Mazzarello que consideram os recursos mais profundos da pessoa: sua capacidade de raciocínio e de amor. São atitudes do educador que evita impor-se, que dialoga, propõe, convence, não exige coisas impossíveis, pede a cada um o que pode dar e fá-lo num relacionamento de afeto real e profundo.*
- e) *Um ambiente de trabalho e de alegria – ambiente de família que educa e forma para a vida através do estudo e do trabalho digno e responsável. A alegria que se manifesta no sentido de “festa”, não em fatos isolados, mas constante que contribuiu para criar o clima e a atmosfera de satisfação, reforçando os laços de pertença, soli-*

dariedade, elevando o nível educativo e cultural de todos."¹⁹

Inspirada pelo cuidado que Dom Bosco tinha pelos jovens, **Santa Maria Domingas Mazzarello** resolve se ocupar das jovens, levando mais uma vez o evangelho a responder as necessidades históricas do ser humano.

Crê-se poder responder agora à pergunta acima colocada: **qual a relação existente entre os carismas dos fundadores da UCB?** Todos tinham uma forte preocupação com a dignidade do ser humano, inspirados pelo modelo e convite de Jesus Cristo, **"ide por todo mundo, proclamai o evangelho a toda criatura"** Mc. 16, 15.

Há trinta e dois anos, iniciava-se o sonho de dar, mais uma vez, uma resposta às necessidades históricas do ser humano. Graças à iniciativa de alguns diretores de colégios católicos de Brasília, cria-se por iniciativa do então diretor do Colégio Dom Bosco, uma Associação, hoje UBEC, cujo objetivo era criar uma instituição de ensino superior que ofertasse aos jovens uma educação alternativa, marcada em sua essência, pela presença e vivência dos valores cristãos-católicos. Para a realização desse ideal, seria necessário colocar em prática dentro da instituição, os valores dos carismas dos fundadores, considerando: primeiro, que tais carismas não se opõem, mas se completam, conforme verificou-se na exposição acima; segundo, considerar a consonância da proposta dos fundadores com a missão evangelizadora da Igreja. Como não apareceram problemas nessas dimensões, a UCB surge como instituição de ensino superior católico a qual, como toda instituição, precisa ter consciência de sua identidade para ter excelência no seu agir.

A construção da identidade da UCB, tendo suas bases nos três enfoques aqui apresentados,

insere-se nas aspirações humanas mais profundas. A visão do Evangelho, da Igreja e dos fundadores das congregações, que formam a UBEC, associam-se aos anseios de toda a humanidade. Há entretanto, uma peculiaridade do percurso aqui sinalizado: os processos de aprendizagem que promovam a qualidade de vida, sinal da gratuidade da existência, o compromisso social como historicização da existência e o sentido da vida como plenitude da existência.

É nesse sentido que o Projeto Identidade da UCB se propõe ser um instrumento para a comunidade acadêmica, tendo como finalidade promover processos de conscientização de suas bases inspiradoras. Acredita-se, portanto, que a comunidade acadêmica saberá qual o melhor caminho a seguir, de forma que a missão da UCB na sociedade responderá, de modo mais eficaz, ao carisma da instituição e às necessidades do mundo contemporâneo.

¹⁹ Ir. Niquini, Débora Pinto, fma. "Seminário sobre os fundadores das cinco Congregações sócias da mantenedora da UCB", p. 47.